

The background of the cover is a detailed illustration. On the left, a high elf with long white hair and a green eye is shown in profile, wearing ornate golden armor. On the right, a goblin with green skin, large tusks, and a purple collar is depicted with a menacing expression. In the foreground, there are several green glass bottles and a red flower. The title 'WORLD OF WARCRAFT' is written in a stylized, metallic font, with 'MIDNIGHT' in a smaller, simpler font below it.

WORLD
WARCRAFT
MIDNIGHT

VERDADE
AMARGA

CONTO DE ROBERT BROOKS

HISTÓRIA
ROBERT BROOKS

ILUSTRAÇÃO
SURFSIDE 3D

EDITORIAL
CHLOE FRABONI, MEGAN WALKER

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
SOPHIE ERB

DESIGN
CHEUNG TAI

CONSULTORIA DE HISTÓRIA DO JOGO
SEAN COPELAND

CONSULTORIA CRIATIVA
RAPHAEL AHAD, CHRIS METZEN, STACEY PHILLIPS,
KOREY REGAN

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA, CARLOS GARCIA RENTA,
TAKAYUKI SHIMBO, JT TORREA

TRADUÇÃO
ALAN CYRILLO, EVELYN PETERSEN DE BARROS



Blizzard.com

© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc., nos EUA ou em outros países.

Publicado pela Blizzard Entertainment.

Esta história é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação do autor ou artista ou são usados de modo fictício, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, instituições comerciais, acontecimentos ou locais reais é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não exerce controle sobre sites do autor ou de terceiros nem assume qualquer responsabilidade por seu conteúdo.



PARTE UM — Até a borda

O Lorde-regente Lor'themar Theron soube imediatamente que havia sido traído. “Ah, Liadrin”, murmurou. “Tomara que tenha se divertido hoje.”

Não era Lady Liadrin quem esperava na taberna em Hara'thir. Era uma pessoa diferente. Lor'themar riu baixinho. “Um convite para uma bebida, e você envia um general Amani no seu lugar. Um jeito engenhoso de promover negociações diplomáticas.”

O guardião Har'athir de pé perto de Lor'themar rosnou em resposta. Nada mais. “Ah, é? Pois bem, guardião, continue com o trabalho exemplar”, respondeu Lor'themar com sarcasmo. “*Shore'aran*.”

O general Amani olhou para o alto, suas presas formando uma silhueta acentuada contra o brilho aconchegante da taberna. Quando ele viu Lor'themar, ergueu o queixo e baixou o cenho. Mas Lor'themar e aquela expressão eram conhecidos de longa data, não eram? Incontáveis vezes ele a vira em incontáveis rostos Amani, sempre antes de flechas zunirem no ar, lâminas se chocarem, sangue jorrar. “Tu tá de brincadeira.





O Lorde-regente, em carne e osso”, disse o troll. “Não pode ser coincidência. Tua gente andou me ludibriando de novo?”

“Ambos fomos ludibriados e emboscados. Para piorar, por uma paladina”, respondeu Lor'themar, afetando constrangimento. Teve vontade de sair dali: que discussão proveitosa poderia ter com um Amani? Especialmente num dia como esse. Mas isso seria recuar diante do inimigo. “*E isso não farei jamais*”, como bem sabia Liadrin. “Que vexame para nós. Lady Liadrin também lhe prometeu uma bebida após a cúpula?”

O troll suspirou. “O que ela *prometeu* foi diplomacia. O que ela *trouxe* foi essa cabaça.” Ele apontou em direção a ela, enquanto o líquido contido no recipiente agitava-se com a oscilação de um lado a outro sobre a mesa. “Só que não tinha copo pra beber, daí ela saiu pra buscar.” Ele olhou para as mãos de Lor'themar, e seguiu-se uma risada ríspida. “E tu tá aqui. Com duas canecas. Não três. Ela não vem, né?”

“Por que viria? Ela conseguiu o que pretendia. É proibido derramar sangue em solo haranir. Agora, um Amani e um *sin'dorei* têm que dialogar sem violência”, replicou Lor'themar. Ele apontou para a cabaça. “E o que temos para beber? O que mais salta aos olhos nessa cabaça não é exatamente a... limpeza.”

“Nem imagino. Deixa que eu faço as honras.” O troll sacou uma faquinha do bolso e, com um gesto desembaraçado, espetou a rolha e a arrancou. Cheirou a rolha sem conseguir conter uma cara estranha. “Não sei o que é... Mas quem bebe isso não deve viver pra contar a história. Vamo provar.”

O desafio estava lançado, e as regras do duelo, estabelecidas. “Claro.” Lor'themar se sentou à mesa e passou uma caneca ao troll, que inclinou a cabaça, encheu a caneca até a borda e então a devolveu. Com um gesto, pediu a outra.

Quando ambas estavam cheias, ergueu a dele próprio. “Um brinde. Aos que são ludibriados.” Lor'themar ergueu a caneca com menos animação. “E aos que vivem para contar a história.”

Ambos hesitaram e também notaram a hesitação no outro, então beberam a goladas fartas quase que ao mesmo tempo. Levou uns bons segundos até que recobrassem o controle sobre as suas expressões faciais. Quase sobreviveram ao suplício sem ceder ao ímpeto de tossir. *Quase*. Lor'themar pigarreou de leve. “Acho... que é um gosto adquirido. Amargor marcante.”

“Que nem lamber pinha podre”, admitiu o troll. “Me chamo Torundo. Sou conselheiro de guerra da Chefe Zul’jarra. Tu eu já sei quem é. Lor’themar Theron, Lorde-regente, líder reluzente da brigada de latão e bijuteria.” Disfarçou outra tosse rindo da própria piada.

“Encantado”, respondeu Lor’themar com a sua voz mais diplomática, a que ele reservava para os bailes de gala de Luaprata e sessões do conselho da Horda. “Porém, acho que já nos encontramos antes. Em circunstâncias muito mais infelizes, sem dúvida.” Torundo sorriu antes de se servir outra vez. Um gole, outra careta. “A tua amiga paladina. Quanto goró ela achou que a gente ia ter que beber antes de virar amigo?”

“Amizade entre Quel’thalas e Zul’Aman.” Lor’themar permitiu-se uma risadinha. “Quanto otimismo. Deve saber o que sua gente fez aos pais dela, imagino.”

“Foi um dia brutal”, respondeu Torundo, circunspecto. “Me impressiona quem consegue perdoar uma coisa assim.” O tom dele se abrandou. “Eu admiro ela. A Zul’jarra, também. É tão raro conhecer gente da sua raça que consegue abrir a boca sem mentir. A não ser hoje, claro.”

“De fato, ela é uma pessoa melhor que eu.” Lor’themar entendera claramente o insulto. Torundo ergueu a caneca novamente. “Então vamo brindar a quem é melhor do que tu”, disse, “e às coisas que a gente pode admirar nelas.”

“*Sinu a’manore*”, exclamou Lor’themar. Ele bebeu tudo. A corte de Luaprata o havia treinado a entrar pouco a pouco em escaramuças verbais. Ele achou a mudança de ares deliciosa. “Talvez ela quisesse ver a cabaça vazia até meia-noite e o acordo costurado até a alvorada.”

O troll terminou a sua caneca. “Pois é. A grande revelação dos haranir: um só povo, uma só origem. Elfos e trolls, irmãos e irmãs que não conseguem resolver conflitos bobos. Essa besteirada aí.” Torundo encheu o copo de novo. “Só que é feio falar assim, né? A Hagar arrebitou no discurso dela.”

“Arrebitou”, assentiu Lor’themar. “Embora Zul’jan não pareça ser da mesma opinião. O chique dele tem prazo para acabar, ou continuará à custa de mais vidas Amani?”

“Vamo ver”, respondeu Torundo com descaso. “Ele não sufoca nem esconde a raiva dele, que nem os covardes fazem.”





“Ora, a decência parece covardia a quem não tem um pingo dela”, disparou enfim Lor'themar.

“Eu concordo.” O tom de Torundo era frio, seus olhos fixos nos de Lor'themar. “Aqui, deixa eu encher a tua caneca de novo.” O líquido saiu gorgolejando da cabaça. “Tem um lance que eu sempre admirei no teu povo. Isso de enganar a si mesmo até o fim. Ninguém tem sangue nas mãos nem sujeira debaixo da unha. As ruas sempre lavadas antes de todo mundo sair emperiquitado pros *bailes* e pras *cerimônias*.” Torundo sorriu de um jeito que essas palavras mais pareceram palavrões. “Um bando de gente engomadinha fazendo pose, fingindo que nunca se sujou na vida. E que jura que é *decente*. Uma máscara tão frágil, mas tão difícil de arrancar.”

“Hum. Noto inveja na sua voz?” Lor'themar proferiu cada sílaba com precisão. “Diga-me, terá algum escrúpulo da próxima vez que Zul'jarra pedir que cometa outra atrocidade? Ela aprendeu direitinho com o avô. Faz tanto tempo que não vejo um esquadrão Amani colocar cadáveres de inocentes em poses engraçadas. Talvez ela retome uma tradição do povo dela: despertar algum problema antiquíssimo que o meu povo vai ter que resolver.” Colocou na voz certo tom de piedade. “Ou talvez ela me passe um sermão melhor sobre *decência*.” Ele tomou uma longa golada da caneca. “Hum. Estou começando a apreciar esta bebida.”

Torundo se ateu a fitar o lorde-regente por um momento. “Tem uma atrocidade que eu lembro direitinho”, desembuchou. “A captura de um bando de magísteres, uns patrulheiros de alta patente.”

“O chefe da época sempre queria recepcionar quel'dorei importantes em pessoa”, acrescentou o troll, “retribuir a hospitalidade que ele mesmo tinha recebido. Ele tinha um rancor e tanto. O braço decepado. O olho arrancado. E tem quem diga que esse tratamento é... *indecente*.”

“Você estava lá!” Lor'themar não conseguiu evitar que as palavras lhe escapassem da boca. “Quando meus camaradas foram massacrados, quando Zul'jin se pintou com o meu sangue.”

Torundo apenas lhe sorriu. “Tem razão, lorde-regente. A gente já tinha se visto antes.”



PARTE DOIS — Um brinde

A guerra estava declarada. A mesma hostilidade, o mesmo desejo assassino. Só que essa guerra se travaria com palavras. Ambos tinham ciência disso.

“Isso, lorde-regente, eu tava lá no dia da tua captura.” A resposta calma feriu Lor'themar mais do que poderia a gargalhada mais cruel. “O Zul'jin se empolgou. Deixou tu escapar. Vidas dos meus irmãos foram perdidas por esse erro dele. Mas eu nunca odiei ele por isso. A nossa guerra já tinha transformado a alma dele num punhado de cinzas antes de tu cruzar o caminho dele.” Torundo levantou a caneca até os lábios.

Lor'themar mal o ouviu. Sorveu o líquido, encheu a caneca ele próprio, deixando o calor da bebida haranir guerrear com o frio glacial de memórias antigas. “É, eu lembro do senhor.”

“Sabia que tu ia acabar lembrando”, respondeu Torundo.

“Num dia bem diferente.” Lor'themar voltara a si. Tinha o controle novamente. A perspicácia. “Décadas atrás.”









“Elfo vive muito mais que eu”, rebateu Torundo. “Dependendo de quantas décadas, eu era criança.”

“De fato”, disse Lor’themar. Esperou até que Torundo começasse a encher a caneca dele outra vez. “Um menino Amani da vila... Zen’tamani, talvez?”

A bebida haranir transbordou da caneca — era a vez de Torundo se surpreender. “Então, diga-me”, retomou Lor’themar, “antes de o sagrarem general, antes da alcunha ‘o Veterano’, em qual vila foi criado, Torundo?”

Torundo atacara primeiro. Lor’themar agora queria revidar. Queria se impor no jogo. E a primeira rajada do seu contra-ataque parecia estar surtindo efeito.

“Algun problema?”, perguntou Lor’themar. “Parece transtornado. Em que vila morava? Mas talvez essa seja a pergunta errada, pois, se ela foi destruída ainda na sua infância, o senhor cresceu em várias vilas.”

“Tu é um elfo bem esperto”, disse Torundo, num tom que podia ser ou reverente ou o mais insultante possível. “É, eu cresci em Zen’tamani. Muita criança Amani cresceu lá. Muitas delas conhecem em primeira mão os costumes decentes dos elfos superiores. Nem por isso tu me viu lá.”

“O senhor, em específico? Não, não lembro mais. Deve ter sido 60 anos atrás”, retorquiu Lor’themar. “Só lembro a razão de termos ido àquele vilarejo. Os corpos decorando as caravanas. Civis. Crianças. Grotesco demais, até para os Amani. Se fossem corpos de soldados, teríamos ficado apenas irados. Mas profanar gente comum? Foi algo que atraiu a nossa total atenção. E a da General-patrolheira Lireesa Correntes.”

Torundo piscava rapidamente, sem dizer palavra. Observou Lor’themar com cuidado, bebeu outra vez.

“Em Luaprata, havia quem a achasse complacente demais com os Amani”, prosseguiu, “tudo porque ela defendia uma reação proporcional. As histórias dos nossos feitos nos dias que se seguiram?” Ele riu de leve. “Calaram os detratores dela por anos e anos. Felizmente, localizar os saqueadores foi facilímo em virtude do seu trabalho amador... se bem que crueldade e competência raramente andam lado a lado.”

Lor’themar ergueu a caneca e engoliu mais bebida haranir. Havia muitas memórias da guerra contra os Amani que o perturbavam.

Essa não era uma delas.

“Nós os seguimos ao que antes era o *seu* vilarejo. Comemorando a grande vitória. Aquela caravana devia ter uma carroça cheia de vinho. Nós os observamos a noite toda. Deixamos que se entorpecessem à vontade. Quando chegou a alvorada, apenas entramos a pé.” Lor'themar apanhou a cabaça e encheu a caneca de Torundo, olhando-o nos olhos sem piscar. “Não era nessa vila que o senhor morava?”

“Era”, respondeu Torundo sem rodeios.

“Como disse, não lembro do senhor. Porém, reconheço seus traços. Mas não traços de uma criança.” Lor'themar fingiu perscrutar o rosto de Torundo. “Quem da sua família estava entre os saqueadores? Seu pai? Um primo, talvez?”

“Meu tio”, respondeu Torundo.

“Hum... Ele tinha a sua testa, a mesma complexão”, disse Lor'themar com carinho. “Mas não tinha o seu instinto estratégico. O que é uma pena. Foi uma decepção capturar o bando inteiro sem sofrer um ferimento sequer. Eles tinham roubado até um estoque de armas nossas que estavam bêbados demais para usar. Tivemos que ser criativos para deixar aquela operação mais interessante. Tenho certeza de que compreende.”

“Claro que sim”, disse Torundo.

“Está lembrado de como os executamos?” Lor'themar bebeu com vontade. Sentia na língua um sabor de sangue, amargo e metálico. “De como fizemos questão que sentissem o que aqueles que estavam na caravana haviam sentido?”

“Difícil esquecer”, comentou Torundo. “Foi uma cena dura de encarar. Mas é como tu diz, crueldade e competência não andam lado a lado.”

“Seu vilarejo protegeu carneiros”, disse Lor'themar, “e sofreu as consequências.”

“Nosso ferreiro não protegeu ninguém”, explicou Torundo. “Ele só gritou quando vocês mataram o amigo dele. Aí um de vocês foi lá e calou ele pra sempre. E tu tá lembrado das casas de palha que *vocês* incendiaram? Não tavam vazias.”

“Hum. Guerra é mesmo uma coisa terrível”, respondeu Lor'themar com arrependimento fingido.

“Eu também não lembro de tu. Devia ter uns três, quatro anos.” A voz de Torundo estava livre de qualquer raiva ou ódio, mas colorida apenas pela memória. “Vocês pareciam uns espíritos do mal. Aquelas lâminas brilhando que nem fogo, passando de um Amani desarmado pro outro. Vocês, totalmente invencíveis. A gente, totalmente indefeso.”









“Então cumprimos bem o nosso trabalho.”

“Muito bem”, admitiu Torundo. “Os sobreviventes fugiram. Saíram correndo pra Amani’Zar. E aí, quando cresceram, se juntaram em torno de um senhor de guerra que prometeu fazer cada um de vocês pagar com o sangue. E, no fim das contas, pagaram.” O troll saboreou outra golada. “É como tu falou. Guerra é uma coisa terrível, mesmo.”

“Guerra essa que parece bem perto de acabar, afinal”, declarou Lor’themar, conciso. “Sua líder, em especial, parece bem desesperada ultimamente. Nunca achei que veria seu povo suplicar ajuda ao meu.”

“Suplicar?” repetiu Torundo, intrigado. “A Chefe Zul’jarra nunca pediu nada. Liadrin que, de boa vontade, ofereceu ajuda, como outras pessoas ofereceram, pra lutar contra o nosso inimigo em comum.” Uma gargalhada muda sacudiu os ombros do troll. “Que cara desanimada. A Lâmina Crepuscular terminou o trabalho que tu não conseguiu. Tu só teve que assistir. Como a gente, quando o Flagelo partiu teu reino ao meio e dizimou...”

O punho de Lor’themar atingiu em cheio a bochecha de Torundo, logo acima da presa.







PARTE TRÊS — Os restos

Não houvera decisão nenhuma. Só ação.

E aí vieram os sons de passos, gritos. Os guardiões haranir. Torundo suspirou. Um som alegre, satisfeito. “Guardiões, afastem-se. Tudo bem comigo.”

Lor'themar sentiu o insulto. Tinha permitido que palavras comprometessem a sua honra. “Eu... peço desculpas sinceras por desrespeitar a trégua que combinamos. Não vai acontecer de novo. Aqui, não.”

Depois de alguns momentos, os guardiões soltaram um pouco Lor'themar, mas permaneceram próximos. Claramente, não permitiriam que o incidente se repetisse.

Torundo esfregou a bochecha com cuidado. Um hematoma já estava aparecendo. “Deve ser melhor alguém terminar essa guerra por nós. Nenhum dos dois merece ganhar.”

Lor'themar concordou com a cabeça. “Nossas bebidas. Aqui, permita-me.” A cabaça estava ficando leve. Mas restava o bastante para uma caneca cheia para ambos, com um pouco de sobra.

“Não se desculpe”, disse Torundo. “Não quando tu não tá arrependido.”

“Mas eu valorizo a civilidade. Mesmo com meus inimigos”, disse Lor’themar.

“Tá aí o lance de enganar a si mesmo”, respondeu o troll. “Parece que tu acredita mesmo nisso.”

Lor’themar soltou um suspiro frustrado. “Acredito no quê?”

“Que meu vilarejo protegeu carniceiros. Que os Amani bêbados que vocês executaram eram selvagens”, explicou Torundo. “Tua gente acha mesmo que tem as mãos limpas, né?”

Lor’themar Theron sentia-se cansado agora. A diversão da batalha havia se esvaído.

Em qualquer outro dia, ele teria simplesmente ido embora. Mas ele atacara Torundo de maneira desonrosa. Havia infringido as regras do combate. Ficar seria o pequeno castigo dele.

“Então. Seu vilarejo era inocente”, disparou Lor’themar, “cheio de artistas e fazendeiros e ferreiros pacíficos? Nada mais? Espero de verdade que sua explicação seja mais convincente que essa.”

Torundo deu um sorriso largo — e triste — ao lorde-regente. “Ah, tinha guerreiro lá. Meu tio, inclusive. E eles *tinham* queimado uma caravana. Mas tu acreditou no papinho dos teus líderes? Vocês eram *patrulheiros*. Achei que sabiam distinguir a mentira da verdade.”

“Boa sorte tentando me convencer de que os cadáveres da caravana não existiram”, disse Lor’themar. “Que o sangue deles não foi derramado.”

“Claro que existiram. Assim como o montão de armas élficas encantadas nos carros deles”, redarguiu Torundo. “Que caravana de civis andava com aquilo? Tu nunca questionou mesmo a história que te contaram?”

“Tinha *crianças* mortas”, disse Lor’themar, sua voz não tão firme quanto gostaria. Tinha crianças. E as armas élficas estavam mesmo no vilarejo. *Por que eu não...?*

“*Andarilhos* infiltrados. Disfarçados de civis. O estilo de combate deles é inconfundível. Por que tu acha que os saqueadores ficaram tão bêbados aquela noite? Meu tio era honrado. Ele tinha que apagar aquela cena da memória dele. Eles tavam discutindo por que o teu povo assumiu um risco daquele.” Torundo esfregou a bochecha ferida e deu mais um gole. “Que tipo de mente tem a ideia de se esconder atrás de crianças?”









“A de um certo senhor da guerra, até onde sei.” A voz de Lor'themar parecia vazia.

“Sim, o Zul'jin respondeu à escalada de violência na mesma medida.”

“Ainda assim, tem orgulho de ter se juntado a ele.”

Torundo encarou Lor'themar com um olhar estarrecido. “Tu ainda não entendeu nada? Séculos de vida a mais que eu, tantos outros séculos pela frente, e tu ainda acha que *qualquer um* de nós pode relembrar o que fez nessa guerra com *orgulho*?”

Lor'themar não disse nada. Apenas deu mais um gole.

“Vai ver tua General-patrolheira sabia dos Andarilhos disfarçados. Vai ver era um líder de campo que a gente matou naquele mesmo dia. Mas, já que crianças morreram, tu precisa que *a gente* seja os selvagens. É difícil continuar lutando sentindo o fedor de uma tragédia que pesa na tua consciência. O Zul'jin era viciado no luxo de poder pensar assim. Cada gota de sangue inocente derramada era como um fogo que acendia no peito do nosso povo. Foi isso que mandou a mim e vários outros pra Vila dos Correntes. Outro massacre. É pra eu me orgulhar disso?”

Torundo fechou os olhos e riu com tristeza. “É pra eu me envergonhar? Eu nunca questioneei meu dever. Do mesmo jeito que tu... eu não podia fazer nada pra deter ele.”

“Então agora o senhor é um general que nunca pôde fazer as próprias escolhas?”, inquiriu Lor'themar com ceticismo. “Interessante. Como era mesmo aquela história de enganar a si mesmo?”

“É tão fácil, né?” A voz de Torundo estava impregnada de franqueza. De sinceridade. “A guerra é mais velha que nós dois. Eu e tu crescemos rodeados do ódio de gerações passadas. Exterminando o inimigo sem pestanejar, do mesmo jeito que amigos nossos foram exterminados assim. Horrorizados por aquilo, mas saboreando enquanto durava. Ou morríamos ou aprendíamos a viver com isso. *O que mais qualquer um de nós podia fazer?*”

Torundo olhou bem para a caneca dele. “Faz diferença o motivo da nossa guerra hoje? Território, massacres de décadas atrás, ou só *hábito*? A gente tá preso nisso. Não temos saída. E não queremos achar uma.” O general Amani soltou uma risada cansada.

“Eu vivi por essa guerra”, prosseguiu. “Meu tempo como guerreiro pode acabar, seja porque vamos firmar a paz ou porque não vamos. De qualquer jeito, eu não vou

viver muito.” Deu um sorriso triunfante a Lor’themar. “É assim que o tempo é cruel com o teu povo. De eu nascer até morrer, a minha guerra não durou uma fração da sua. Não parece que tu tá nessa desde sempre? Até quando vai durar a tua decência?”

Lor’themar nada respondeu por um longo tempo. “Diga a verdade. Seu antigo vilarejo. Eram saqueadores comuns, e não monstros?”

“E tem como confiar na memória de uma criança?”, disse Torundo, às raiais do delírio. “Tinha uns guerreiros que corriam a região. Se eles massacraram inocentes de caso pensado aquele dia, foi a primeira vez. É só isso que eu sei.”

Torundo parecia solidarizar-se com Lor’themar. “Fala pra Lady Liadrin que eu tô feliz que ela me ludibriou. A conversa foi uma verdadeira dádiva, mas tenho que ir embora. A extinção tá rondando o meu povo, seja por culpa do seu ou de outro qualquer.”

“Pode ser que sim”, respondeu Lor’themar. “Tomara que consiga o desfecho que merece.”

Torundo, já indo embora, riu alto. “Que maldição terrível. Eu te pago com outra: *eu que te desejo a eternidade que tu acha que quer.*”

E ele já não estava mais lá.

Lor’themar ficou sentado sozinho, vendo os clientes deixarem a taberna. A palavra *eternidade* permaneceu na mente dele de uma maneira que o desagradou. O último gole ainda lhe amargava a língua.

“Maldição terrível”, concordou, baixinho.



